

REDESENHANDO A SOCIEDADE: ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E COOPERAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE

Ana Flávia Della Torre Pestana da Silva - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
flaviadellatorre@gmail.com
Graduanda em Psicologia

Isadora Schleder Dallacosta - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
isadoraschlederd@hotmail.com
Graduanda em Psicologia

Heloisa Aparecida de Souza - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
heloisa.souza@puc-campinas.edu.br
Doutora em Psicologia

GT11-Resistências da economia solidária no contexto de crise: alternativas da produção, comercialização e consumo em rede

RESUMO - A Economia Solidária é um movimento de resistência frente ao sistema hegemônico capitalista e se apresenta como uma possibilidade de ressignificar e transformar o modelo de trabalho vigente. O movimento ganhou força no Brasil durante a crise do emprego, entre as décadas de 1980 e 1990, período de intensas adversidades econômicas e sociais no país. Apesar da constituição brasileira afirmar como primazia o valor da dignidade da pessoa humana, na atualidade continua existindo uma escassez de políticas públicas relacionadas à geração de renda, mantendo a desigualdade socioeconômica existente no país, aumentando o desamparo e intensificando a precarização das condições laborais. Neste cenário desfavorável, as Cooperativas da Economia Solidária continuam resistindo e apresentando-se como alternativas aos trabalhadores. O contexto laboral é compreendido pela psicologia crítica como uma relação de dupla transformação entre o homem e natureza, constituindo sentidos existenciais de forma singular ao indivíduo, assim como significados atribuídos a partir de concepções histórico-sociais acerca do trabalho. Neste texto, busca-se compreender o significado da economia solidária no período de crise econômica e sanitária, iniciada no ano de 2020. Além disso, pretende-se refletir sobre os sentidos atribuídos pelos trabalhadores às possibilidades e dificuldades enfrentadas no cotidiano laboral. Desta forma, esta proposta visa fomentar uma discussão a respeito do papel social da economia solidária como fonte de renda e modo de enfrentamento da atual crise estrutural, levando em conta o panorama da trajetória da economia solidária no Brasil e as possíveis implicações da atual crise. A discussão será pautada na experiência prática de estagiárias de psicologia social do

trabalho junto a Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis do município de Campinas e embasada na perspectiva histórico-cultural acerca dos conceitos significados e sentidos em relação ao trabalho.

Palavras-chave: Economia Solidária; Cooperativa; Sentido do trabalho; Significado social.

As possibilidades da Economia Solidária e o percurso percorrido

O movimento da Economia Solidária, de acordo com Singer (2002), se intensificou no Brasil como uma alternativa à crise econômica e social que assolava o país na década de 1980, período no qual existiam altos índices de desemprego e de precarização do trabalho. Após quase 40 anos os problemas relacionados ao trabalho persistem em nossa sociedade e as cooperativas continuam sendo uma forma de geração de renda, contudo, muito mais do que isso, elas vêm se estabelecendo como nova forma de organização dos meios de produção. As cooperativas demonstram que, apesar dos imensos desafios, é possível continuar sonhando com laços solidários e democráticos no mundo do trabalho. São histórias de grandes dificuldades, lutas, sobrevivências e conquistas.

O atual período de crise sanitária, social e econômica lançou luz e intensificou problemas que estão presentes na sociedade há anos. Milhares de trabalhadores estão sendo afetados pela ausência de políticas públicas e enfrentam enormes desafios para permanecerem no emprego, ou o perderam e precisam buscar novas oportunidades no contexto laboral.

Neste cenário de grandes turbulências, o presente trabalho, fruto de um estágio supervisionado em Psicologia, realizado em uma Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis do município de Campinas, busca compreender o significado da economia solidária no período de crise e refletir sobre os sentidos atribuídos pelos trabalhadores às possibilidades e dificuldades enfrentadas no cotidiano laboral. Nossa experiência foi atravessada pelas dificuldades impostas pela pandemia, que trouxeram inúmeras limitações para a aproximação ao campo, porém, nos permitiram, mesmo que à distância, acompanhar os desafios e as formas de enfrentamentos dos cooperados. Acreditamos que essa discussão seja importante para melhor compreensão da realidade das cooperativas na atualidade e para pensar em formas de suporte a esses trabalhadores.

Com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Social do Trabalho, procura-se realizar algumas reflexões sobre o papel das situações laborais na

constituição da saúde e dignidade do trabalhador. Vale destacar que a Psicologia Social do Trabalho, de acordo com Coutinho, Bernardo e Sato (2017), considera o trabalho como elemento central para a constituição da identidade do indivíduo, tanto num sentido individual quanto coletivo. Assim, busca compreender os fenômenos laborais a partir de seus determinantes sociais e atuar em favor dos interesses dos trabalhadores, discutindo as contradições do mundo do trabalho e incentivando situações que tenham potencial de proporcionar a autonomia e emancipação da classe trabalhadora.

Por conta da pandemia, o contato com o campo se deu de forma majoritariamente remota durante o primeiro semestre de 2021. A princípio houve a manifestação de interesse, por parte da presidente da Cooperativa Redesenhar¹, para acolher novos cooperados, considerando o contexto de crise econômica vigente. Portanto, inicialmente, o intuito do estágio era colaborar com a recepção de pessoas desempregadas e, também, abrir possibilidades de expandir a cooperativa.

Entretanto percebeu-se a inviabilidade desta expansão no período em que iniciamos o contato com os cooperados e considerando a inviabilidade do trabalho presencial e a precariedade das relações virtuais, estabeleceu-se o objetivo de buscar compreender, por meio de trocas de mensagens, os principais desafios enfrentados pelos trabalhadores durante o período pandêmico. Nos meses de julho e agosto foram realizadas visitas à Redesenhar, com o objetivo de conhecer melhor os trabalhadores e dialogar a respeito das vivências no contexto laboral. O contato foi fundamental para ouvir e compreender como funciona o cotidiano dos cooperados.

A seguir apresentamos algumas reflexões despertadas por essas experiências. Inicialmente realizamos uma breve contextualização sobre o atual cenário de trabalho no Brasil e apresentamos a Economia Solidária como uma alternativa à crise. Seguimos refletindo sobre as dificuldades enfrentadas, a relevância social desses espaços de trabalho e a importância do modelo de autogestão para a emancipação e construção da subjetividade dos trabalhadores. Concluímos, discutindo a importância do envolvimento dos diferentes atores sociais, entre eles a Psicologia, para o incentivo deste modelo de trabalho, que acreditamos ser capaz de contribuir para que a sociedade seja redesenhada com mais justiça e dignidade aos trabalhadores.

¹ Durante o trabalho foi estabelecido um nome fictício para a cooperativa a fim de manter preservada a identidade dos cooperados.

O trabalho na atualidade

Na atualidade o trabalho possui múltiplos e contraditórios sentidos para o trabalhador, podendo representar um elemento que favorece a realização, emancipação e saúde ou que provoca exclusão, sofrimento e adoecimento. Para autores como Karl Marx (1844/1993) e Georg Lukács (1978), o trabalho é um elemento essencial na formação do ser humano, nos diferenciando dos demais animais e possibilitando profundas modificações na natureza. O trabalho, desta forma, quando é livre e autônomo, torna-se emancipatório e confere sentido à existência humana.

Contudo, conforme refletido por Singer (1998), o conceito de emprego que vigora no sistema capitalista, muitas vezes, representa apenas um meio de subsistência. A ‘compra’ da capacidade produtiva dos indivíduos faz com que muitos trabalhadores precisem se submeter a situações de trabalho precárias em troca de uma baixa remuneração que lhes garantirá apenas sua sobrevivência e a de sua família. Frequentemente, esses trabalhadores não são devidamente valorizados, enfrentam péssimas condições de trabalho e encontram pouco sentido na atividade que exercem, tendo sua identidade, dignidade e saúde diretamente afetadas.

Os avanços na legislação trabalhista brasileira ocorridos no último século não foram suficientes para garantir condições dignas e saudáveis de trabalho. Além disso, as chamadas “reformas” trabalhista e previdenciária contribuíram para a acentuação de situações precárias de trabalho e o contexto de crise sanitária provocado pela pandemia de Covid-19 trouxe contornos ainda mais alarmantes para a situação laboral dos brasileiros. Desta forma, apesar das conquistas de direitos, vivemos um período de grandes retrocessos e ainda é possível encontrar locais que oferecem condições tão precárias quanto as que existiam no século XIX, o que pode ser facilmente identificado nas frequentes denúncias de trabalho análogo à escravidão.

Franco, Druck & Seligmann-Silva, (2010), afirmam que a precarização das situações de trabalho, os altos índices de desemprego e falta de perspectivas são elementos devastadores para o ser humano, gerando sentimento de despertencimento social e sofrimento. Assim, as pessoas desempregadas ou que exercem funções pouco valorizadas sofrem exclusão em uma sociedade que é caracterizada pelo individualismo, pela competição exacerbada, pela hiper valorização do consumo e do status profissional. Neste contexto, o trabalho precarizado e o desemprego conduzem muitas pessoas à pobreza, humilhação, exploração e sofrimento.

De acordo com Coutinho, Bernardo e Sato (2017), a Psicologia Social do Trabalho considera as possíveis implicações do capitalismo global na constituição da subjetividade humana, assumindo uma postura crítica frente às contradições do modelo social de trabalho vigente na atualidade. Em uma análise relacionada à saúde mental, compreende-se o indivíduo como um ser capaz de subjetivar o mundo a sua volta a partir de um âmbito relacional e dialógico com aspectos da realidade. Neste cenário, a cidadania e dignidade consistem em ter acesso aos direitos humanos e sociais, como: o direito à saúde, à educação, à cultura, ao meio ambiente equilibrado, aos bens comuns da humanidade, e para isto, a estruturação produtiva introduz ao indivíduo a ferramenta pela qual lhe é proporcionado um dos principais acessos a dignidade: o trabalho.

O trabalho contém em sua estrutura componentes ideológicos e políticos os quais interferem de maneira direta na subjetividade do trabalhador. No modelo de produção capitalista, o trabalho é marcado pela existência da propriedade privada e também, da obtenção de excedentes por meio da lucratividade. Na compreensão marxista, esta forma de organizar o trabalho dificulta a constituição de sentido para o trabalhador, devido a impossibilidade de exercer criatividade, ou seja, com frequência, as condições históricas e sociais, por não possibilitar o reconhecimento dos resultados de sua atividade perante a sociedade, tornam o trabalho alienado e sem sentido para o trabalhador. (RIBEIRO & LEDA, 2004).

Dignidade e trabalho

A dignidade é um direito civil e o entendimento deste conceito está relacionado com a compreensão de Direitos Humanos. Desta maneira, o conceito de dignidade desdobra-se em um processo de contínuo aperfeiçoamento e garantia de direitos e estabilidades para a vida cotidiana.

Considerando a busca por estabilidades e garantias de qualidade de vida para a permanência da dignidade no cotidiano dos trabalhadores, é importante o delineamento da análise, que será pautada a partir de uma concepção crítico-materialista, a qual compreende o acesso aos direitos humanos e a dignidade a partir da expressão formal de um processo de redistribuição produtiva, política, social e ideológica, verificado na prevalência da burguesia ao poder (GOSDAL, 2006). Não consistindo, portanto, em uma invocação abstrata à liberdade, mas sim ao direito concreto à vida, ao trabalho e as condições necessárias para a satisfação das necessidades tanto em âmbito material, quanto subjetiva.

A dignidade se constitui a partir da priorização da solidariedade, dos interesses coletivos e da inclusão, como previsto pela própria constituição federal no Brasil, no artigo: 170 - "A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social (BRASIL, 1998).

A compreensão de dignidade também proporciona ferramentas que podem nos ajudar a determinar as características que o trabalho deveria apresentar na vida dos indivíduos, a fim de que tenha um sentido para aqueles que o realizam. Acerca disso, aspectos como organização, motivação e satisfação são estudados nos modos de produção econômica, tendo como primazia a melhora de produtividade, entretanto, a estruturação de trabalho sem proporcionar sentido ao trabalhador, torna a atividade laboral demasiadamente penosa. Nesse aspecto, a intercessão entre o significado social, imerso na atividade laboral do indivíduo, juntamente com o sentido atribuído ao seu papel social, impactam de maneira dialógica, tanto em relação a imersão deste trabalho para o mercado produtivo, quanto também impactam a constituição de sua subjetividade como profissional e portanto sua inserção social como trabalhador.

É necessário estabelecer esses pontos de partida para a compreensão de um trabalho digno, porque a dignidade envolve elementos ideológicos, históricos e culturais, vinculando-se à vida concreta das pessoas, especialmente em suas relações de trabalho. No tópico seguinte será abordado os significado e sentidos do trabalho para os cooperados da Cooperativa de materiais recicláveis "Redesenhar". Um trabalho que tem sentido, de acordo com Morin (2002), permite ajudar a sociedade a resolver seus problemas, prestar-lhe um serviço reconhecido, ter um impacto sobre a realidade em que está inserido, ser valorizado por suas habilidades e por suas contribuições com o meio. É a partir do trabalho que o indivíduo constrói sua perspectiva sobre o mundo e sobre si próprio, como agente de transformação.

Significado e sentido do trabalho na cooperativa

Muitos autores desdobram-se ao estudar as diferenças e intersecções teóricas entre os conceitos de significado e sentido do trabalho. Considerando que de maneira dialógica, o significado é caracterizado pela representação social que a tarefa executada tem para o trabalhador, a constituição deste constructo é referente, portanto, aos sentidos experienciados pelo sujeito, que também é impactado pelas perspectivas sociais as quais são

introduzidas através da cultura e exaltação dos processos de produção hegemônicos (TOLFO & PICCININI, 2007).

O conceito de significado do trabalho abrange tanto a identificação do trabalhador com o resultado de sua atividade laboral, quanto o sentido atribuído a execução desta atividade, a qual contribui para toda a sociedade. O significado do trabalho para cada indivíduo, portanto, faz parte da realidade vigente e não é imutável ou abstrato (TULESKI, 2008).

Em nossa experiência na Redesenhar, ouvimos de uma das trabalhadoras que o trabalho neste espaço significa uma contribuição para o futuro da humanidade, visto que o compromisso com o meio ambiente e ações sustentáveis fazem parte do cotidiano dos trabalhadores desta cooperativa. Um outro cooperado disse que aprendeu o quão fundamental é a reciclagem ao iniciar as atividades neste contexto laboral e que isso significa muito para ele, pois compreende a importância desta ação. Ao trazerem que a reciclagem tem demasiada relevância social e ao falarem sobre a importância da cooperativa para o meio natural, tem-se um processo de emancipação e transformação social (WRIGHT, 2012). Importante considerar que, apesar de o sentido da experiência ser singular, existe um significado ambiental trazido por vários cooperados em um contexto coletivo de compreensão de suas atividades.

Ainda nessa direção, os trabalhadores da Redesenhar encaram a atividade laboral como uma responsabilidade social e ambiental. Alguns materiais são vendidos pelo irrisório valor de cinco centavos de real por quilo, mas não são recusados, passam pelo processo de reciclagem assim como os demais resíduos. Esta ação é pautada em princípios éticos da Economia Solidária:

“Busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza, e os valores da cooperação e da solidariedade” (3ª PLENÁRIA NACIONAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2003).

O sentido do trabalho, é representado por um processo de constante atualização no que se refere aos valores individuais, os quais se caracterizam através da valorização da tarefa realizada, envolvendo autorrealização e satisfação a partir do desenvolvimento e evolução pessoal e profissional (TOLFO & PICCININI, 2007). Considerando a permanência destes constructos, no ambiente laboral, a constituição de identidade de um indivíduo como trabalhador, também se torna fundamental.

Por esse motivo, visando a promoção de saúde e dignidade da classe trabalhadora, é necessário incentivar e contribuir com situações de trabalho que promovam a emancipação

e protagonismo dos trabalhadores, como é o caso das cooperativas autogestionárias as quais trazem como primazia os interesses e as atividades de cada indivíduo dentro do processo de produção.

A Economia Solidária como alternativa

Para Gadotti (2009), a Economia Solidária faz parte de um processo no qual os trabalhadores contribuem mutuamente entre si para o desenvolvimento constante das condições laborais. É um modo de subsistência ao passo que também envolve aprendizado e luta para superar o sistema hegemônico, marcado por exploração e alienação. Assim, as ações dos empreendimentos solidários visam o respeito e equilíbrio dinâmico com o meio e com a sociedade.

Entretanto, são inúmeros desafios, visto que as cooperativas, assim como toda a nossa sociedade, estão inseridas em um modelo capitalista e neoliberal de organização produtiva. Este modelo tem perspectivas sociais e históricas pautadas em uma lógica que designa a acumulação de bens como fins em si mesmos, consistindo em sua instrumentação, fundamentos como individualismo, competição e alienação (ALVES; FERNANDES; DINIZ, 2020).

Nesse contexto, a Economia Solidária surge como uma forma de resistir às amarras e injustiças impostas pelo capitalismo. Os cooperados lutam pela emancipação no contexto laboral através da atuação coletiva, buscam caminhos mais humanizados e em harmonia com o espaço no qual habitamos. O harmônico não como uma ideia romântica e idealizada, mas como forma de sonho que não permanece só no campo das ideias. Vira ação concreta e, baseado na realidade de cada contexto, apresenta meios de redesenhar a sociedade, através da Economia Solidária.

A partir do exercício prático de um regime participativo, que preza pela democracia direta, consistindo na construção de um sistema autogestionário, é possível a instauração de novos modos de organização do processo de produção baseados em um sistema endógeno de desenvolvimento. Considerando que, no modelo tradicional, com a estruturação produtiva constituída até hoje, foram importadas lógicas culturais sobre os modos de trabalho vigentes, pautadas por modelos eurocêntricos os quais acarretaram em mutações nas realidades de consumo locais e nesse cenário o desenvolvimento é exógeno, impondo para a economia imperativos econômicos que não necessariamente condizem com suas potencialidades e interesses locais, decorrendo em desajustes estruturais (ALVES; FERNANDES; DINIZ, 2020).

A Economia Solidária submete a lógica econômica ao crivo da ordem social (solidária), portanto visa promover um crescimento sustentável, não tendo em sua ordem ideológica a produção de bens de consumo como um fim em si mesmo. Os desenvolvimentos tecnológicos e organizacionais são dados a partir dos interesses de associações, cooperativas e grupos autogestionários no intuito de redistribuir os frutos do crescimento a favor dos que se encontram a margem na produção social, juntamente com a preservação da natureza e protagonismo das virtudes de pessoas inseridas na economia popular e local. Apresentando, desta forma, características contrárias ao modelo econômico de mercado que, de maneira geral, visa a acumulação e exploração das pessoas e do ambiente.

A Redesenhar é associada a um programa de logística reversa. O contato com os processos deste programa, inseridos no contexto das atividades dos cooperados, além de ser uma atividade de benefício econômico e ambiental, colabora com a inserção social dos trabalhadores, principalmente no que concerne à valorização do mesmo na sociedade perante uma ocupação sustentável. Apesar de as cooperativas de materiais recicláveis possibilitarem trabalho com sentido e geração de renda para muitas pessoas em situação de vulnerabilidade social, o cotidiano laboral é cercado por desafios, conforme abordaremos no próximo tópico.

Resistir em tempos de crise

O momento atual é marcado por intensa crise. A pandemia deixou clara a desigualdade e o descaso da gestão governamental para com a população. Famílias sofrem com perdas de renda, desemprego, aumento dos preços e com um sistema que visa o lucro acima de tudo e todos. O orçamento público dedicado às políticas sociais é extremamente reduzido, ao passo que, aproximadamente 25% a 30% da transferência de recursos é dedicada às dívidas públicas. Além disso, o valor dos alimentos e demais produtos essenciais, que compõem a cesta básica, crescem de forma exacerbada, enquanto o salário e contexto laboral são precarizados. Como se não bastasse tantas condições adversas, o desemprego aumenta. (BEHRING, 2021).

Para Mézaros (2009), vivemos em uma crise estrutural, visto que, desde o final da década de 1960, e início da década de 1970, estamos no que o autor denomina de “*depressed continuum*”. Não são colocados limites para aumento do capital. Ademais, este processo tem caráter destrutivo, pois visa a valorização do capital, de modo que os “imperativos humano-sociais vitais”, conceituação trazida pelo autor, são negligenciados

em prol do lucro. Estes fatores são preponderantes para que o desemprego cresça, em níveis estruturais, além de afetar o meio natural de forma potencialmente danosa.

Nesta situação de crise, os cooperados que optam ou são obrigados a seguir caminhos opostos ao padrão tradicional da economia, enfrentam, muitas vezes, a desvalorização social e a precarização no contexto laboral. Uma das principais problemáticas vivenciadas pelos trabalhadores na cooperativa de materiais recicláveis é a escassez dos insumos. Dados disponibilizados pela prefeitura do município de Campinas, em janeiro de 2020, mostram que a população adquire cerca de 8 mil toneladas dos resíduos com potencial para serem reciclados, mas somente 475 toneladas chegam às cooperativas (G1, 2020). Portanto, uma grande quantidade de reciclados são direcionados para o aterro sanitário e essa situação foi agravada com a pandemia.

Além disso, existem poucos ecopontos e o descarte irregular acontece em algumas áreas da cidade. Nota-se uma defasagem nas medidas preventivas, ações primárias e essenciais para contribuir com a sociedade e o meio ambiente. A necessidade de Políticas públicas é emergente, além da Educação Ambiental para e com a população, a fim de haver conscientização social a respeito do tema.

As trabalhadoras da Redesenhar relataram que o envio dos materiais reciclados pode levar algumas semanas. Como supracitado, a porcentagem de matéria separada para reciclagem, pela população do município de Campinas, é ínfima. Apesar de essa cooperativa possuir contrato com a prefeitura, existem semanas nas quais o caminhão não leva os materiais. Isso afeta o trabalho dos cooperados, visto que precisam dos insumos para seguirem sua jornada laboral. Houve um período no qual ficaram cerca de seis meses sem conseguir trabalhar, devido às restrições sanitárias e escassez de reciclados que chegaram até a cooperativa.

Outro problema enfrentado é a baixa remuneração dos profissionais que atuam com os resíduos recicláveis. Existe uma hierarquia social, enquanto algumas formas de trabalho são valorizadas e bem remuneradas, outras são desvalorizadas e invisibilizadas (SOUZA, 2006). Uma das cooperadas relatou que recebem por produção e como existe a escassez de materiais, conseqüentemente, não é possível trabalhar em alguns dias, o que afeta a retirada financeira dos trabalhadores.

Dentre as escassas medidas do governo neste período de crise social, econômica e sanitária, foi criado o auxílio emergencial de R\$600,00 ou R\$1.200,00. O segundo valor, somente para mães solo. Algumas trabalhadoras da cooperativa, porém, sequer conseguiram esse direito, assim como milhares de outros brasileiros que não obtiveram resposta acerca

da recusa para receberem esse valor emergencial. O programa estabelecido pelo Legislativo, foi apropriado pelo Executivo, e utilizou-o como medida populista a fim de ocultar a barbárie instalada no país decorrente da gestão inconsequente em relação a crise (BURNI & TAMAKI, 2020 *apud* PIMENTA et al., 2021). Um dos aspectos que resultaram no descaso com a população.

Há uma lacuna na proteção dos direitos humanos e fundamentais, assim, faz-se necessária a luta contra a opressão. Nas situações supramencionadas, de ameaça em meio a tentativa de trabalho e ausência do auxílio emergencial, como seria possível reagir perante às classes dominantes que impõem circunstâncias injustas? Segundo Gosdal (2006), o sistema opressor viola a dignidade do indivíduo, abusa de seus direitos e traz vários danos. As atividades desta cooperativa são pautadas na Economia Solidária, mas o trabalho continua sendo afetado pelo capitalismo hegemônico e tendo implicações diretas na subjetividade dos trabalhadores.

Utopia Concreta: a luta por uma transformação que ainda não aconteceu

“Num país como o Brasil, manter a esperança viva é em si um ato revolucionário” - Paulo Freire

Na Economia Solidária, os cooperados lutam por direitos e maior autonomia. Seguem redesenhando a sociedade, em um período no qual ser resistência frente ao sistema capitalista hegemônico, é essencial. A autogestão e a cooperação compreendem um processo de transformações revolucionárias, assim, é preciso mobilização para que aconteça a revolução socialista e popular (NASCIMENTO, 2008).

A utopia concreta, para Bloch, consiste na esperança em uma realidade possível, no sentido real e objetivo. É a busca pelo que pode ser almejado e de fato existe no objeto - portanto passível de ser executado - para que o “vir a ser” possa se materializar na sociedade (SOUZA; RODRIGUES, 2016). O sonho por maior igualdade se faz presente na Economia Solidária. É uma das forças propulsoras para a ação, bem como a indignação e inquietude em relação às mazelas do sistema. Estes, são aspectos preponderantes para lutar coletivamente em uma sociedade dominada pelo individualismo. Caracterizam a busca pela não naturalização da barbárie e alienação que culminam nas relações de trabalho. Dessa forma, o sonho, não como um fim em si mesmo, mas como fenômeno da utopia concreta, é importante para a ação de enfrentamento da precarização que afeta a dignidade dos trabalhadores.

Neste sentido, alguns cooperados relataram que muitas mudanças aconteceram desde que a Redesenhar iniciou os trabalhos. Hoje existe um espaço maior e com maior segurança para organizar os reciclados, foram conquistados equipamentos, caminhões de transporte, além do vínculo com a prefeitura. Uma das trabalhadoras apresentou o espaço e demonstrou sentir orgulho de como a cooperativa se encontra. Com a associação da Redesenhar em uma rede de cooperativas, há, em partes, o auxílio em relação ao contato com os possíveis compradores e valorização dos materiais. Mas, para isso, foi necessária muita luta, ainda fundamental para que consigam mais direitos e possam enfrentar desafios que perduram através do protagonismo e da autogestão.

Nas visitas à cooperativa, também foi manifestado o desejo de vincular-se às escolas para falarem sobre Educação Ambiental com as crianças. É uma possibilidade baseada na realidade concreta, visto que é importante e possível levar essa pauta para o ambiente educacional. O sonho surgiu no campo das ideias e sua manifestação se deu por meio da palavra, durante as conversas com as cooperadas e em breve serão ações efetivas. Foram traçados planos, e uma possível data, na qual pensaram em convidar as crianças para conversar sobre o assunto de forma lúdica, de modo que possam brincar, aprender e se tornarem multiplicadores da consciência ambiental.

O “vir a ser”, portanto, é carregado de esperança e ação. Esta, move o indivíduo para que enfrente os desafios que permeiam o contexto vigente. A Educação Ambiental, bem como as demais formas de ação constituintes da Economia Solidária, é essencial para a transformação e faz parte do resistir em tempos de barbárie. A luta não para.

Considerações finais

Estas reflexões, a partir da análise do contexto de crise econômica que os trabalhadores da cooperativa estão inseridos, teve o objetivo de favorecer a discussão em relação aos pressupostos ideológicos e práticos da Economia Solidária, sendo essa uma proposta para a transformação das relações laborais e sociais e, portanto, um modo de enfrentamento das situações impostas pela precarização das condições de trabalho, vivenciadas pelos trabalhadores que se encontram em situação de pobreza, humilhação ou exploração .

Ao entrar em contato com a Redesenhar, compreendemos que o desenvolvimento de processos produtivos autogestionários e solidários, visam a inclusão social de toda uma comunidade de trabalhadores. Foi possível perceber os sentidos e

significados do trabalho para os trabalhadores de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis, verificando, por exemplo, as representações que possuem para a sociedade, a possibilidade de tornar possível um trabalho que subsidie as necessidades familiares básicas e ao mesmo tempo de gerar orgulho pelo que produzem, trazendo dignidade para esses profissionais.

Ainda percebe-se a falta de conscientização e informação da sociedade a respeito tanto da própria adesão em relação à economia solidária, quanto a relação dos indivíduos com a logística reversa de seus bens de consumo, assim como os impactos destes no meio ambiente. Contudo, foi possível observar que, apesar das dificuldades acarretadas pelas condições de trabalho atuais e pela falta de apoio da governamental e mesmo da sociedade como um todo, o movimento a cooperativa mantém os princípios da Economia Solidária, isto se dá pela construção de projetos de conscientização, tanto em escolas, quanto no local de trabalho.

Em um cenário de desemprego, perda de direitos, exploração e precarização das situações de trabalho, as cooperativas seguem lutando para que nossa sociedade seja um espaço mais harmonioso, justo e solidário, resistindo ao tempo de crise e ensinando o valor do trabalho coletivo.

REFERÊNCIAS

3ª PLENÁRIA NACIONAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Carta de princípios da Economia Solidária**. Disponível em: <<https://fbes.org.br/2005/05/02/carta-de-principios-da-economia-solidaria/>>. Acesso em: 27 agosto 2021.

ALVES, E. L.; FERNANDES, B. S.; DINIZ, S. C. O PDDI-RMBH e as possibilidades de um desenvolvimento endógeno desencadeado pela economia popular metropolitana. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** [online]. 2020, v. 22 [Acessado 3 Setembro 2021] , e202016. Disponível em: <<https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202016>>. Epub 15 Jun 2020. ISSN 2317-1529. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202016>.

BEHRING, E. R. Prefácio. SILVA, L. B.; DANTAS, A. V. (org.). **CRISE E PANDEMIA: quando a exceção é regra geral** [online]. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/crise_e_pandemia.pdf>. Acesso em: 06 set. 2021.

BRASIL (1988). **Constituição Federal**. Diário Oficial da União. Brasília, 5/10/1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>.

Campinas recicla 1,5% do lixo recolhido e prefeitura vê 'índice abaixo do esperado'. **G1**, 16 jan. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/01/16/campinas-recicla-6percent-do-lixo-em-ecopontos-e-prefeitura-ve-indice-abaixo-do-esperado.ghtml>>. Acesso em: 23 agosto 2021.

COUTINHO, M. C.; BERNARDO, M. H.; SATO, L. **Psicologia social do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANCO, T.; DRUCK, G. & SELIGMANN-SILVA, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. 35 (122), 229-248.

GADOTTI, M. **Economia solidária como práxis pedagógica**. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/xmlui/bitstream/handle/7891/2801/FPF_PTPF_12_045.pdf>.

GOSDAL, T. C. **Dignidade do trabalhador: um conceito construído sob o paradigma do trabalho decente e da honra**. Tese de doutorado em direito, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

LUKÁCS, G. **As Bases Ontológicas da Atividade e do Pensamento do Homem**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

MARX, K. (1844/1993). O capital: crítica da economia política. Volume I. Livro primeiro. O processo de produção do capital. Tomo 1. São Paulo-SP: Nova Cultural.

- MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. 2. ed. [s.l]: Editora Boitempo, 2009.
- MORIN, E. M. Os Sentidos do Trabalho. *GV-executivo*, v. 1, n. 1, ago-out, 2002.
- NASCIMENTO, C. Autogestão: economia solidária e utopia. **Otra economía**, v. 2, n. 3, p. 27-40, 2008.
- PIMENTA, D. N. et al. Leituras de Gênero sobre a Covid-19 no Brasil. MATTA, G. C. et al. (org.). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19. Editora FIOCRUZ, 2021. p.159-170. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/r3hc2>>. Acesso em: 29 agosto 2021.
- RIBEIRO, C.; LEDA, D. **B.O Significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva**. v.4. n. 2, 2004.
- SINGER, P. **Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 1998.
- SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SATO, L.; HESPANHOL BERNARDO, M.; OLIVEIRA, F. de. **Psicologia social do trabalho e cotidiano**: a vivência de trabalhadores em diferentes contextos micropolíticos. *Psicol. Am. Lat.*, México , n. 15, dez. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 set. 2021.
- SOUZA, J. (org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- SOUZA, R. T. de; RODRIGUES, U. de M. (Org.). **Ernst Bloch: Atualidade das utopias concretas**. v. 1. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.
- TOLFO, S. da R.; PICCININI, V. **Sentidos e significados do trabalho**: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2007, v. 19, n. spe [Acessado 9 Setembro 2021] , pp. 38-46. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>>. Epub 25 Set 2007. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>.
- TULESKI, S. C. **A Construção de uma psicologia marxista**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2008.
- WRIGHT, E. O. Alternativas dentro e além do capitalismo: rumo a um socialismo social. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 21, n. 1, 2012.